



Hans Jonas responsabiliza a técnica pela atual crise ambiental?

Hans Jonas blames the technique for the actual environmental crisis?

Lilian Simone Godoy Fonseca

Professora visitante do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pesquisadora do Núcleo de Estudos do Pensamento Contemporâneo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG - Brasil, e-mail: filoslgodoy@ig.com.br

Resumo

O objetivo deste artigo é prosseguir a reflexão sobre as diferentes questões que compõem o pensamento ético de Hans Jonas, cujo ápice coincide com a publicação do célebre *Princípio responsabilidade* (1979), como resultado das décadas de estudos voltados para temas, antes excluídos da discussão ética, como a natureza e a técnica. De fato, natureza e técnica são dois importantes temas presentes no pensamento jonasiano posterior ao estudo da gnose e preparam o caminho para a reflexão ética posterior. Trata-se, portanto, de discutir a forma como eles estão ali relacionados e extrair daí algumas consequências relevantes para melhor compreender o conjunto da obra jonasiana.

Palavras-chave: Hans Jonas. Responsabilidade. Técnica. Crise ambiental.

Abstract

The aim of this paper is to continue a reflection on the different issues that comprise ethical thought of Hans Jonas, whose summit coincides with the publication of the famous The Imperative of Responsibility (1979), but whose beginning refers to a few decades earlier, with his studies oriented to subjects, previously excluded from the debate on ethics, as the nature and technique. In fact, nature and technique are two important themes present in the jonasian thought subsequent to the study of gnosis and pave the way for ethical reflection later. It is, therefore, to discuss how they are related there and then extract some consequences relevant to better understand the whole jonasian work.

Keywords: *Hans Jonas. Responsibility. Technique. Environmental crisis.*

Introdução

Como discutido em outra oportunidade¹, Hans Jonas, desde a década de 1950, confere ao tema da natureza lugar de destaque em sua reflexão. Semelhantemente, o tema da técnica surge muito antes da publicação do *Princípio responsabilidade (PR)*, em diversos escritos que, efetivamente, antecipam e preparam a discussão ética que será ali melhor formulada.

Se isso é correto, é possível supor que a técnica se encontra no cerne da reflexão ética jonasiana. Tal suposição é claramente confirmada já no subtítulo do PR, no qual Jonas explicita sua intenção de, então, apresentar “Uma ética para a civilização tecnológica”.

Nesse sentido, técnica e natureza constituem dois importantes eixos do pensamento jonasiano posterior ao estudo da gnose. Partindo dessa avaliação, surgem algumas inevitáveis questões:

¹ No texto *Hans Jonas e a responsabilidade como fundamento para uma ética para a natureza*, apresentado no XIV Encontro da ANPOF (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia), em outubro de 2010.

- 1) Como esses dois temas estão articulados no interior da obra jonasiana?
- 2) A abordagem que Jonas faz da técnica justifica o rótulo que recebeu de “tecnofóbico”?
- 3) Pode-se afirmar que ele considera a técnica como a principal causa dos graves problemas ambientais que hoje enfrentamos e que, à sua época, já se anunciavam?

Nossa exposição se dividirá em três momentos, buscando em cada um deles responder, respectivamente, a cada uma dessas questões.

Natureza e técnica no pensamento jonasiano

Como outrora apresentado no último encontro da ANPOF (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia), a natureza não surge no pensamento jonasiano como um apêndice ou uma descoberta tardia motivada pelos dramáticos acontecimentos que, em seu tempo, já prenunciavam os problemas ambientais que hoje testemunhamos. Ao contrário, a natureza se faz presente logo nas primeiras publicações de Jonas – posteriores à sua reflexão inicial sobre a gnose – quando ele percebe a necessidade de retomar a questão do organismo, dando os primeiros passos em direção à sua filosofia da biologia ou à biologia filosófica.

Por esse e outros motivos, atribui-se a Jonas o mérito de estar entre aqueles² que restituíram à natureza a sua relevância como tema filosófico, devolvendo sua dignidade perdida, desde a emergência da ciência moderna, quando deixou, definitivamente, de ser vista como ameaça (como nos primórdios da humanidade), para ser reduzida a

² Segundo Lories e Depré (p. 16, § 2; p. 19, § 2), os demais pensadores seriam o francês Maurice Merleau-Ponty e o inglês Alfred North Whitehead, que na transição entre a primeira e a segunda metade do século XX reinscreveram a natureza entre os temas da reflexão filosófica. A trajetória de Jonas se faz, porém, sem a influência dos demais, uma vez que ele é despertado para a relevância da temática muito antes, em função de sua ativa participação na Segunda Grande Guerra. Ademais, Jonas conheceu posteriormente a filosofia de Whitehead, mas não se pode afirmar o mesmo com relação à obra do filósofo francês. De tal modo, a reflexão jonasiana é inteiramente independente do que era produzido por outros filósofos nesse mesmo âmbito.

mero objeto a ser conhecido (matematicamente) e dominado em proveito do homem³.

Jonas constatou que o modelo de natureza estabelecido pela Física moderna desconsiderava toda a especificidade do orgânico para se ocupar, unicamente, do âmbito inorgânico. Isso o levou a reconhecer a necessidade de elaborar uma filosofia da biologia capaz de lidar com a esfera da vida, que encontra no organismo sua manifestação mais imediata e na consciência sua revelação mais elaborada.

Assim sendo, entre seus primeiros estudos sobre a gnose e sua Ética da Responsabilidade, há um significativo período dedicado à filosofia da biologia que constitui, portanto, a mediação ou elo de transição entre esses dois importantes momentos de seu pensamento. Ou seja, Jonas se dedica ao tema da natureza antes mesmo de se ocupar da questão ética.

Conforme Danielle Lories e Olivier Depré, em Jonas, “a natureza evolui segundo um longo *continuum* no decorrer do qual a liberdade só faz crescer para culminar, no homem, que é seu produto último, à sua forma acabada” (LORIES; DEPRÉ, 2003, p. 22.). A ideia de *continuidade* entre homem e natureza revela-se, assim, como um conceito central na concepção jonasiana.

Por seu turno, o conceito de técnica ganha espaço no pensamento jonasiano desde os primeiros anos da década de 1970⁴, ao longo da qual ele elabora sua concepção ética, cuja expressão definitiva foi publicada no PR, em 1979. Vários textos escritos nesse período – como o intitulado “Tecnologia e Responsabilidade: Reflexões sobre as novas

³ Por essa razão, segundo Jonas, a Filosofia da natureza foi a que mais sofreu com a autonomização das ciências particulares e a que mais evidentemente foi excluída da esfera do pensamento contemporâneo.

⁴ Isto se revela em textos como: “The Scientific and Technological Revolutions”, in *Philosophy Today*, 15, 1971, p. 79-101; “Testimony Before Subcommittee on Health, United States Senate: Hearings on Health, Science, and Human Rights”, Nov, 9, 1971, *The National Advisory Commission on Health Science and Society Resolution*, [...] (73-191-0), 1972, p. 119-123.; “Technology and Responsibility: Reflections on the New Tasks of Ethics”, in *Social Research*, 40, 1973, p. 31-54; “Responsibility Today: The Ethics of an Endangered Future”, in *Social Research*, 43, 1976, p. 77-97; “Freedom of Scientific Inquiry and the Public Interest”, in *The Hastings Center Report*, 6, 1976, p. 15-17; “The Right to Die”, in *The Hastings Center Report*, 8, 1978, p. 31-36; e, por fim, “Toward a Philosophy of Technology”, in *The Hastings Center Report*, 9, 1979, p. 34-43. Vários desses artigos foram escritos a convite e alguns deles republicados em *Técnica, Medicina e Ética* (TME).

tarefas da Ética” – são, mais que um esboço, quase um resumo do que será discutido mais detalhadamente no PR.

A reflexão, ali iniciada, se prolonga na década seguinte, dando origem a artigos que foram posteriormente reunidos em coletâneas como *Técnica, Medicina e Ética* (TME), lançado originariamente em alemão, no ano de 1985. Nessa obra, Jonas se dedica a investigar as implicações práticas da técnica moderna, sobretudo aquela que converte o ser humano em seu objeto.

Especialmente dignos de nota são os dois primeiros textos ali publicados, intitulados: “Por que a técnica moderna é objeto da filosofia?”⁵ e “Por que a técnica moderna é objeto da ética?”⁶. As duas publicações se destacam por fornecer uma espécie de *conteúdo programático*, respectivamente, para uma *filosofia da técnica* e para uma reflexão ética sobre a técnica. Não cabe fazer, aqui, uma análise minuciosa desses interessantes textos, sendo possível fazer apenas algumas rápidas menções a cada um deles.

Começando pelo PR, nota-se que a questão da técnica é o cerne de todo o primeiro capítulo, intitulado “A transformação da essência do agir humano”. Ali, Jonas mostra, precisamente, a mudança produzida pela técnica moderna na esfera do agir humano e suas consequências para o âmbito ético. Ele traça um paralelo entre a técnica antiga e a moderna e daí extrai as diferenças entre a reflexão ética tradicional e a atual. Cabe aqui ressaltar que, como expresso no título do item IV, Jonas aborda “a tecnologia⁷ como vocação da humanidade”, pois, graças a ela, o homem foi sempre capaz de suprir suas necessidades.

No tocante à natureza, Jonas observa que, no princípio, a ação humana sobre ela, por mais intensa que fosse, não oferecia um sério risco à sua continuidade e capacidade produtiva; situação que, com o crescente avanço tecnológico, foi gradativa e perigosamente alterada.

De fato, com o advento da técnica moderna, resultante da combinação entre a ultrapassagem da *téchne* antiga e o surgimento da ciência

⁵ Publicado anteriormente em 1979 (inglês) e 1981 (alemão).

⁶ Publicado anteriormente em 1982 (inglês) e 1984 (alemão).

⁷ Jonas utiliza os termos “tecnologia” e “técnica moderna” como sinônimos.

moderna – cuja divisa principal é o famoso lema baconiano de empregar o conhecimento para exercer o máximo controle sobre a natureza –; uma mudança profunda se deu alterando a essência de ambas: a ciência deixou de ser meramente contemplativa e a técnica tornou-se um poderoso instrumento de intervenção e efetiva dominação da natureza. Isso explica por que, do ponto de vista teórico, surge a necessidade de inserir a técnica entre os temas da reflexão ética, dado que, do ponto de vista prático, emergem inúmeros problemas até então inéditos; entre eles, os ambientais. E explica também o fato de Jonas propor uma ampliação espaçotemporal da responsabilidade, considerada, portanto, como uma das prerrogativas do homem em relação a si mesmo e a toda a biosfera atual e futura.

No TME, Jonas propõe um diagnóstico dessa situação, dizendo que: “A técnica moderna tende intimamente ao uso em grande escala e talvez se torne demasiado grande para o tamanho do cenário em que se desenvolve – a terra –, e para o bem dos atores – os seres humanos” (TME, p. 35). E, mais adiante, ele nos adverte do “potencial apocalíptico da técnica” (TME, p. 37), algo que ele associa ao fato de estarem “estritamente ligadas [...] a ‘ambivalência’ da técnica e sua ‘magnitude’, isto é, [...] a desmedida de seus efeitos no espaço e no tempo” (TME, p. 38).

Em algumas reflexões desenvolvidas durante entrevistas concedidas desde os anos 80 até o final de sua vida, Jonas se detém mais especificamente nas questões ambientais. Nove delas foram reunidas num volume intitulado *Dem bösen Ende näher*⁸, publicado em 1993, e a tradução francesa foi publicada em 2000 sob o título *Une éthique pour la nature*⁹. Das nove entrevistas, apenas a quarta e a quinta não enfocam de modo algum o tema da natureza; as demais apresentam um aspecto da preocupação jonasiana sobre a questão. É precisamente nessas conversas que Jonas expõe com maior clareza a relação entre os dois temas, natureza e técnica, aqui focalizados. A primeira delas, cujo título¹⁰

⁸ *Dem bösen Ende näher. Gespräche über das Verhältnis des Menschen zur Natur.* Frankfurt am Main, Suhrkamp. A tradução seria: *Mais próximo de um péssimo fim. As discussões sobre a relação entre o homem e a natureza.*

⁹ Doravante esta publicação será apresentada neste artigo pela sigla EpN, seguida do número da página correspondente.

¹⁰ “Mais próximo de um desfecho fatal” (21-39); no original *Dem bösen Ende näher*, publicado inicialmente em *Der Spiegel* (11 maio 1992).

coincide com o do livro em alemão, inicia com a constatação de que antes da publicação do *Princípio responsabilidade* (PR) não se falava da responsabilidade do homem em relação à natureza.

Jonas teve, assim, o importante papel de alertar, não para o problema em si – que já havia sido denunciado pelo movimento ambientalista¹¹, iniciado na década de 1960 –, mas para a ampliação do alcance da responsabilidade no plano temporal (da geração atual em relação às gerações futuras) e no plano espacial (da responsabilidade do homem em relação a toda a biosfera). Jonas, ali, aponta o “atentado tecnológico perpetrado pelos homens contra a natureza” e a “exploração abusiva da natureza pelos homens (particularmente os da sociedade industrial ocidental), [que se] degenerou em hábito de vida” (EpN, p. 22).

Ele considera o “surgimento da ciência moderna como ‘disparador’ desse acelerado processo de dominação e transformação da natureza” (EpN, p. 25) e avalia a crise ambiental que hoje confrontamos como a “síntese das consequências das ações empreendidas pelos homens: superpopulação, perturbação do equilíbrio, extinção de inúmeras espécies” (EpN, p. 26).

Levando em conta que “A técnica nos fez passar do estado de sujeitos dominados pela natureza a mestres da natureza [...] ele se pergunta se não é necessário então assumirmos nossa responsabilidade em relação às gerações futuras e ao estado da natureza sobre a terra” (EpN, p. 26).

Na segunda entrevista¹², Jonas comenta que Kant “não precisava meditar sobre a relação do homem com a natureza [...] porque ele não podia ser à época uma ameaça à natureza” (EpN, p. 55). De fato,

foi o crescimento do poder humano e, correlativamente a percepção apurada dos efeitos desse poder sobre o universo limitado, quer dizer o choque que se produziu entre o poder quase ilimitado do homem e de seus desejos, de uma parte, e a finitude da natureza que está aí para

¹¹ O movimento tem como marco a publicação, em 1962, do célebre *Silent Spring*, de Rachel L. Carson, embora as bases para a Ética Ecológica tenham sido lançadas algumas décadas antes (1949) com o livro *A Sand County almanac - and sketches here and there*, de Aldo Leopold e Charles W. Schwartz.

¹² Intitulada “As perspectivas éticas devem ser completadas por uma nova dimensão” (p. 41-62).

fornecer o que nos é necessário, de outra parte, o que abriu essa nova dimensão ética (EpN, p. 55).

Apesar dessa avaliação, na sétima entrevista¹³, Jonas esclarece que ele “não critica nem a técnica nem a civilização tecnológica enquanto tais, (EpN, p. 119), mas o fato de que “a civilização tecnológica comporta uma forte propensão a degenerar de maneira desmesurada e descontrolada. [E se deixar guiar por] forças econômicas e outras que aceleram o processo e que escapam ao nosso controle” (EpN, p. 120).

E embora atribua ao programa baconiano (usar o saber para dominar a natureza em benefício do homem) a culpa pela crise a que chegamos, no *Princípio responsabilidade* (PR), Jonas afirma que isso ocorreu devido à sua apropriação por parte do capitalismo, que o privou de toda *racionalidade e justiça*, noções que o teriam tornado mais compatível e até coerente (PR, p. 268). Por isso, avalia que “estamos num estado de urgência [...] [em que] somos ao mesmo tempo os pacientes e os médicos” (EpN, p. 120).

Em sua visão, o pior perigo reside nas coisas supostamente ‘inofensivas’ como, por exemplo, os fertilizantes químicos (EpN), que são incorporadas à nossa vida e contra as quais não nos defendemos, pois, passamos a precisar delas. Por tudo isso, ele preconiza a ampliação da responsabilidade (EpN, p. 124). E, embora considere que hoje, mais do que nunca, o futuro humano se revela como algo incerto, Jonas não se mostra nem otimista, nem desesperado, mas propõe um misto de medo e esperança (EpN, p. 125), pois, como expresso no título da oitava entrevista, para ele, “a predisposição ao medo é um comando ético” (EpN, p. 127-136).

Assim, pode-se responder que, na concepção jonasiana, a relação atual entre técnica e natureza se mostra um tanto problemática, dado que, desde o surgimento da ciência moderna, a técnica tem servido ao homem para a perseguição do progressivo poder sobre a natureza.

A seguir, buscaremos uma resposta à segunda questão referente ao rótulo de “tecnofóbico” atribuído a Jonas por diferentes críticos.

¹³ Intitulada “Se não estamos dispostos ao sacrifício, quase não há esperança” (EpN, p. 119-125)

Criticar é temer?

Como comentado na introdução, alguns autores, entre os quais G. Hottois, M.-G. Pinsart e D. Lecourt, em diferentes textos e contextos, conferiram a Jonas o título de “tecnofóbico”. Com base no sufixo grego *fobia*, que compõe o termo e significa: “medo mórbido (ou doentio), aversão”, poderíamos defini-lo como: “medo mórbido (doentio) ou aversão à técnica”.

Um termo assim tão forte (ainda que aplicável a alguém) poderia, com alguma justiça, ser aplicado a Jonas? Para responder, é preciso considerar dois aspectos do pensamento ético jonasiano. Por um lado, ele se baseia na *crítica* direta à técnica moderna, que forneceu ao homem um poder inaudito, o que, por sua vez, exigiu uma concepção ética inteiramente nova. Por outro, como assinalado alhures, Jonas confere ao medo um papel relevante em sua reflexão ética. Esses dois traços – mal combinados – podem induzir à apressada avaliação do pensamento jonasiano como “tecnofóbico”.

A discussão acerca do medo¹⁴ surge no PR no momento em que Jonas expõe a sua fundamentação e apresenta uma de suas mais polêmicas formulações: *a heurística do medo*. De fato, segundo Jean Greisch (1998), no texto *L'heuristique de la peur*, esse foi, com toda certeza, um dos aspectos mais criticados e menos compreendidos da ética jonasiana. Daí a importância que ele atribui a se estabelecer com precisão o papel desempenhado pela heurística do medo na definição que Jonas oferece do “princípio responsabilidade”.

Por isso, Greisch (1994, p. 72-93), em outro texto, *L'amour du monde et le principe responsabilité*, afirma que “somente se se consegue definir outro ‘uso’ do medo, torna-se possível estabelecer uma relação positiva entre o medo e a responsabilidade” (GREISCH, 1994, p. 75). Pois, segundo ele, “O medo que faz essencialmente parte da responsabilidade não é aquele que desaconselha a agir, mas aquele que convida

¹⁴ Este trecho foi primeiramente exposto no texto “A responsabilidade jonasiana: mais que princípio, uma virtude?”, publicado em *PENSANDO - Revista do Departamento de Filosofia da UFPI*, v. 2, n. 3, p. 39-74, 2011.

a agir, este medo que nós visamos é o medo *pelo* objeto da responsabilidade” (GREISCH, 1994, p. 76).

Nesse sentido, conforme Greisch (1998, p. 72, grifo nosso), Jonas nos “convida a considerar o medo não como fraqueza ou pusilanimidade, mas como *sinal mobilizador precedente à arte de se colocar as boas questões*”.

De fato, Jonas expõe “A contribuição desse saber ao saber dos princípios: a *heurística do medo*” (PR, p. 65, grifos do autor), afirmando que *tal saber atua como um “elo intermediário” em relação aos princípios fundamentais e a situação atual*, que exige um ponto de vista *heurístico*. O que não se quer é mais fácil saber que o que se quer; “o reconhecimento do *malum* nos é infinitamente mais fácil que o do *bonum*, é mais imediato [...] e menos exposto às diferenças de opinião” (PR, p. 66, grifos do autor). Por esses motivos, Jonas afirma que a filosofia moral deve consultar antes nossos temores que nossos desejos. Assim, é introduzida a *heurística do medo* que, embora – ele admite – não seja a “última palavra na busca do bem”, pode servir como primeira palavra bastante útil na tentativa de se evitar o pior.

Tal asserção explica por que Greisch (1994, p. 78) considera que Jonas insiste em dizer que

a ética da responsabilidade [...] deve fazer do medo sua primeira palavra. Mas, precisamente porque se trata somente de sua primeira palavra, este define menos um conteúdo que um estilo, [...]. Tais são, de fato, as duas obrigações liminares que Jonas introduz em sua meditação sobre os fundamentos e o método da ética da responsabilidade: ‘Fornecer uma idéia dos efeitos no longo prazo’ e a ‘preparação pessoal à disponibilidade de se deixar afetar pela salvação ou infortúnio das gerações futuras’.

O comentário acima é especialmente relevante, uma vez que ele evidencia a importância conferida por Jonas ao papel desempenhado pelo medo no interior de sua formulação ética. Greisch fornece, ainda, outro oportuno esclarecimento sobre a conexão entre a responsabilidade e o medo, ao dizer que:

Assim se começa a entrever o elo positivo que Jonas estabelece entre o medo e a responsabilidade. A diferença com o medo patológico não se

atém somente ao fato de que o medo responsável não teme por si, como o faz o medo em Hobbes, mas pelo outro. [...] “O que lhe acontecerá se eu não cuidar dele?” é sua questão diretriz. É por isso que Jonas multiplica as marcas que mostram que, sob certas condições, o medo torna-se uma força ao invés de ser uma fraqueza. Mas para que ele possa conduzir uma responsabilidade ativa [...], ele precisa também da lucidez ou da clarividência da imaginação [...] e da sensibilidade do sentimento (PR, p. 64- 50 apud GREISH, 1994, p. 78).

Tal aspecto é extremamente relevante na análise sobre a relação entre medo e responsabilidade e sobre o uso jonasiano do termo “heurística”. Esse é um tema, segundo Greisch, quase sempre desconsiderado pelos intérpretes, que se atém, sobretudo, ao segundo termo, o *medo*, o que, para ele, explica a incompreensão e as inúmeras críticas que tal formulação tem despertado.

De acordo com Greisch (1994), como comentado anteriormente, a heurística nada mais seria que *a arte de se colocar as boas questões*. E ele acrescenta com veemência: “Ora, apenas aquele que aceita tremer diante de certas possibilidades pode se colocar as questões decisivas; é disso que se trata na heurística do medo que Jonas denomina ‘detectora’”.

Antes de concluir essa breve exposição sobre o medo, cabe citar um interessante comentário de Olivier Depré (2003, p. 55), que nos diz: “Não há medo sem responsabilidade e a heurística do medo consiste precisamente em ter medo para que então sejamos responsáveis [pelo pior]”.

Enfim, é preciso responder à questão: em filosofia, *criticar* é sinal de fobia? No sentido amplo, a palavra “crítica” significa arte ou faculdade de julgar. No contexto filosófico, caberia recorrer ao sentido estabelecido por Kant em relação à razão, particularmente no uso teórico, quando na *Crítica da Razão Pura* ele afirma que a tarefa própria da razão é: “determinar de maneira completa e segura os *limites do uso* que é tentado para além de todos os limites da experiência” (*Kant-Lexikon*, p. 226). Logo, a ênfase aqui deve recair na noção de *limite do uso*, especialmente, *na esfera da experiência*, algo tão necessário, hoje, em se tratando da técnica.

Por isso, defendemos que Jonas não seria tecnofóbico, mas um crítico da técnica. Logo, o fato de Jonas não ser um “tecnófilo”, talvez como Simondon, não significa que ele seja um “tecnofóbico”, como o

consideraram Hottois, Pinsart e Lecourt, entre outros; isso porque criticar, no sentido de julgar e estabelecer limites, não significa ter aversão.

Técnica e crise ambiental

Ainda que, como indicado na primeira parte, Jonas veja a relação entre técnica e natureza como problemática, é possível afirmar que ele considera a técnica como a causa dos atuais problemas ambientais?

Para responder a essa questão, evocaremos a nona e última entrevista (EpN, p. 137-155), intitulada “Técnica, liberdade e obrigação”, na qual Jonas faz uma avaliação extremamente cáustica, ao dizer

nosso veneno se espalha pelo globo terrestre, transformando a natureza inteira numa fossa para o homem. [...] Nós nos tornamos um perigo maior para a natureza do que ela foi outrora para nós. Tornamo-nos extremamente perigosos para nós mesmos e isso graças às realizações mais dignas de admiração que nós realizamos para assegurar a dominação do homem sobre as coisas. *Nós* é que constituímos o perigo com o qual estamos hoje identificados e contra o qual nós devemos doravante lutar (EpN, p. 140, grifo do autor).

Jonas denuncia ainda que “O homem rompeu o círculo do equilíbrio simbiótico [...]. Ele não restitui mais de maneira útil o que ele toma ao todo e se entrega assim à sua exploração abusiva” (EpN, p. 144). Assim, segundo ele, “a relação do homem com a natureza entrou numa nova fase” (EpN, p. 144) e tal novidade refere-se à superioridade conferida ao homem pela técnica, consistindo uma ameaça ao conjunto da natureza terrestre.

Jonas também adverte quanto ao fato de que “os golpes de advertência que nos envia a natureza atormentada não conhece qualquer fronteira territorial” (EpN, p. 153). E conclui dizendo que “não existe fórmula mágica para todos os nossos problemas, nenhuma panacéia para a doença que padecemos. A síndrome tecnológica é muito complexa porque não existem meios de evitá-la” (EpN, p. 154).

Com base nessas breves citações, é possível, sem mais, responder afirmativamente à terceira pergunta (que intitula a presente exposição). Sim, de fato, Jonas considera que a técnica (especificamente a técnica moderna) constitui uma das principais causas da atual crise ambiental.

Não esqueçamos, porém, duas coisas: 1) a técnica moderna se caracteriza, sobretudo, por servir ao lema baconiano de “dominar a natureza” e 2) a técnica, em si, não é nada, ela está a serviço do homem e é por ele utilizada. Ou seja, embora ela confira poder ao homem, sem o homem ela não tem poder algum. Sendo assim, embora Jonas considere que a “síndrome tecnológica” seja inevitável, evitáveis podem ser algumas de suas mais nefastas consequências.

Conclusão

Podemos finalizar, reconstituindo os principais pontos discutidos ao longo da exposição. Primeiramente, a análise jonasiana da relação entre técnica e natureza, explicitando que a *técnica moderna* surge já com a tarefa de fornecer ao homem os instrumentos para a *dominação humana da natureza*. Em segundo lugar, a avaliação de que, apesar de sustentar essa visão, Jonas não pode ser considerado, com justiça, um tecnofóbico, pois, o que ele propõe em relação à técnica é uma crítica que é dirigida, precisamente à técnica (moderna) e à relação tornada possível, desde então, entre o homem e a natureza. Isso não revela um “medo doentio” ou uma “aversão”, mas uma percepção lúcida da situação e da necessidade de reconhecermos nossa responsabilidade com respeito às futuras gerações e à totalidade da biosfera, buscando, assim, um uso mais justo e racional da técnica.

Por fim, se, de fato, é preciso admitir que Jonas entende a técnica como a principal causa da atual crise ambiental, é preciso também lembrar que a crítica que ele faz não se dirige à técnica ou à civilização tecnológica enquanto tais (EpN, p. 119). Em verdade, sua crítica se dirige ao uso da técnica com o propósito declarado, desde o início da modernidade, de maximizar a exploração da natureza em proveito egoísta do homem.

Nesse sentido, pode-se culpar, muito antes, “o programa prometeico-baconiano de controle da natureza” (EpN, p. 102) e o próprio homem, que não hesita, seja qual for o custo, em colocar em prática esse programa. Sendo assim, é preciso deixar muito claro, sob o risco de redundar: a técnica, em si não é nada, ela está a serviço do homem e por ele é utilizada. E, se, de fato, ela confere poder ao homem, sem o homem, ela não tem poder algum. A técnica não pode ser, portanto, a responsável pelos nossos problemas. Principalmente porque, como Jonas explicitou no PR, a responsabilidade é uma prerrogativa, essencialmente, humana. Somente nós somos os responsáveis pelos problemas atuais e futuros, que possam resultar de nossas ações atuais, ainda que sejam intensificados, enormemente, pelo uso irresponsável de todo o aparato técnico moderno e, supostamente, em nome dele.

Referências

CARSON, R L. **Primavera Silenciosa**. São Paulo: Gaia Editora, 2010.

DEPRÉ, O. **Hans Jonas**. Paris: Ellipses, 2003.

DEPRÉ, O.; LORIES, D. **Vie et liberté: phénoménologie, nature et éthique chez Hans Jonas**, Paris: Vrin, 2003.

FONSECA, L. S. G. “Hans Jonas e a responsabilidade como fundamento para uma ética para a natureza”. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPOF, 2010. **Anais...** Águas de Lindóia: Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia, 4-8 out. 2010. p. 103-122.

FONSECA, L. S. G. A responsabilidade jonasiana: mais que princípio, uma virtude? **Pensando: Revista de Filosofia**, v. 2, n. 3, p. 39-74, 2011.

FROGNEUX, N. **Hans Jonas ou la vie dans le monde**. Bruxelles: De Boeck & Larcier, 2001.

GREISCH, J. L’amour du monde et le principe responsabilité. **Autrement - Séries morales**, 14, p. 72-93, 1994 (numéro sur «La responsabilité»).

GREISCH, J. L' "heuristique de la peur" ou qui a peur de Hans Jonas?, In: MEDEVIELLE, G.; DORE, J. (Ed.) **Une parole pour la vie. Hommage à Xavier Thévenot**. Paris: Les éditions du Cerf, 1998. p. 103-122.

JONAS, H. The scientific and technological revolutions. **Philosophy Today**, 15, p. 79-101, 1971.

JONAS, H. **Testimony before subcommittee on health. United States Senate: Hearings on Health, Science and Human Rights, 1971. The National Advisory Commission on Health Science and Society Resolution. 1972.** p. 119-123.

JONAS, H. Technology and responsibility: reflections on the new tasks of ethics. **Social Research**, v. 40, n. 1, p. 31-54, 1973.

JONAS, H. Responsibility today: the ethics of an endangered future. **Social Research**, v. 43, n. 1, p. 77-97, 1976.

JONAS, H. Freedom of scientific inquiry and the public interest. **Hastings Center Report**, v. 6, n. 4, p. 15-17, 1976.

JONAS, H. The right to die. **Hastings Center Report**, v. 8, n. 4, p. 31-36, 1978.

JONAS, H. Toward a philosophy of technology. **Hastings Center Report**, v. 9, n. 1, p. 34-43, 1979.

JONAS, H. Seventeenth century and after: the meaning of the scientific and technological revolution. In: JONAS, H. **Philosophical Essays: from ancient creed to technological man**. Chicago: University of Chicago Press, 1980. p. 45-80.

JONAS, H. Technique, morale et génie génétique. **Communio**, v. 9, n. 6, p. 46-65, nov./dec. 1984.

JONAS, H. La science comme expérience vécue. **Études Phénoménologiques**, v. 4, n. 8, p. 9-32, 1988.

JONAS, H. **Le principe responsabilité**. Paris: Flammarion, 1990.

JONAS, H. **Técnica, medicina y ética: la práctica del principio de responsabilidad**. Barcelona: Paidós, 1997.

JONAS, H. **Une éthique pour la nature**. Paris: Desclée de Brouwer, 2000.

JONAS, H. **Le phénomène de la vie**: vers une biologie philosophique. Bruxelles: De Boeck Université, 2001.

LEOPOLD, A.; SCHWARTZ, C. W. **A sand county almanac and sketches here and there**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

Recebido: 10/11/2011

Received: 11/10/2011

Aprovado: 28/01/2012

Approved: 01/28/2012